

Artigo / Article

Fome também é o que se come: as metáforas nos discursos do MST como construtoras de polêmica argumentativa sobre alimentos ultraprocessados

Hunger is also what one eats: metaphors in MST discourses as builders of argumentative controversy about ultraprocessed foods

Amanda Guedes Mazza 

Universidade de São Paulo, Brasil

amanda.mazza@usp.br

<https://orcid.org/0009-0009-2037-0512>

Recebido em: 15/07/2023 | Aprovado em: 20/09/2023

Resumo

Este artigo objetiva explorar a conexão entre metáforas e a construção de polêmica argumentativa, revelando de que maneira uma concepção de metáfora dimensionada pelos discursos, para além de mera figura de linguagem ou de pensamento, contribui para a compreensão de dissensos. Para isto, parte-se de um *corpus* composto por publicações no portal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) sobre alimentos ultraprocessados (Nupens-USP), entre 2020 e 2022, analisado sob uma perspectiva cognitivo-discursiva (Vereza, 2007, 2017; Gonçalves-Segundo, 2020) entrelaçada à argumentação polêmica (Amossy, 2017). Através da observação das metáforas e o papel por estas desempenhado, foi possível identificar o uso de metáforas situadas e distribuídas operando de maneira dialógica, e perspectivando um Terceiro alheio tanto ao Proponente (MST) quanto ao Oponente, para manutenção do dissenso entre a produção alimentícia industrial, ou atrelada ao agronegócio, e a produção de alimentos in natura, ou minimamente processados, por parte do MST.

Palavras-chave: Metáforas situadas • Metáforas distribuídas • Alimentação • Agronegócio • Subnutrição

Abstract

This article aims to explore the connection between metaphors and the construction of argumentative polemics, revealing how a conception of metaphor dimensioned by discourses, beyond a mere figure of speech or thought, contributes to the understanding of dissent. To do so, it examines a corpus composed by publications of the Landless Rural Workers Movement (MST) portal on ultra-processed foods (Nupens-USP), published between 2020 and 2022, and analyzed from a cognitive-discursive perspective (Vereza, 2007, 2017; Gonçalves-Segundo, 2020) intertwined with the polemics theory (Amossy, 2017). Through the observation of the metaphors and the role played by them, it was possible to identify the use of situated and distributed metaphors operating in a dialogic way, and the construal of a Third Party that is alien to both the Proponent (MST) and the Opponent, in order to maintain the dissent between industrial food production, or linked to the agribusiness, and the production of in natura, or minimally processed foods, by MST.

Keywords: Situated metaphors • Distributed metaphors • Food • Agribusiness • Malnutrition

Introdução

Das dimensões da fome, talvez a mais evidente seja a absoluta supressão de alimentos – como o descrito na prosa confessional de Carolina Maria de Jesus (2007), para quem a fome causa tontura e faz enxergar o entorno em amarelo¹. Essa mesma ausência do que se colocar nos pratos e, conseqüentemente, no estômago é também o que faz a cachorra Baleia, do célebre romance de Graciliano Ramos (2018), idealizar, na transição entre vida e morte, um céu cheio de preás²; ou o eu-lírico de Chico Science e Nação Zumbi (1994) ver-se impossibilitado de pensar, sobretudo vislumbrar futuro e enfrentamento político, enquanto não enche o *bucho* com o alimento, representado metonimicamente como cenoura³.

Essa fome, não aleatoriamente aqui representada por pessoas e personagens em contextos sócio-espaciais, raciais e de gênero tão demarcados, de fato tem um retrato que “hoje é composto principalmente por gente do sexo feminino, moradora da periferia ou do meio rural, com baixa escolaridade ou analfabeta, pobre, negra, quilombola, indígena” (Nascimento, 2022, p. 50), ainda que tenha permeado a tessitura brasileira em termos generalizantes, excedendo fronteiras e limitações demográficas, nos anos em que pandemia de coronavírus e governo bolsonarista se encontraram.

¹ “Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos” (Jesus, 2007, p. 45-46).

² “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes” (Ramos, 2014, p. 91).

³ “Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola/Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura/ ‘Aí minha véia, deixa a cenoura aqui/ Com a barriga vazia não consigo dormir’/ E com o bucho mais cheio comecei a pensar/ Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar” (Chico Science & Nação Zumbi, 1994).

LINHA D'ÁGUA

No entanto, essa fome epidêmica e crônica na tessitura da sociedade brasileira não é considerada apenas quando absolutamente não há a disponibilidade de alimentos (insegurança alimentar grave), mas também em um contexto no qual as demandas energéticas por nutrientes dos organismos não estão plenamente satisfeitas (insegurança alimentar leve ou moderada). Se Josué de Castro (2022), precursor dos debates sobre alimentação que correlacionam fome e política, já denunciava há mais de 75 anos a existência de uma série de doenças e deficiências vitamínicas relacionadas à falta de alimentos ou à falta de diversidade alimentar, esse fenômeno parece ganhar nova dimensão no atual momento histórico. Contemporaneamente, no Brasil, há uma diminuição do arroz e do feijão nos pratos (23% e 30% de redução no consumo, respectivamente, de 1970 a 2003 nas zonas metropolitanas) e um aumento da presença de carnes embutidas, biscoitos e refeições prontas (300%, 400% e 80%, nessa ordem, no mesmo período) (Cátedra Josué de Castro, 2022, p. 70-71).

Essas transformações alimentares integram o debate público. Por isso, busca-se, neste artigo, apresentar evidências de como diferentes usos metafóricos nos discursos contrários a esses alimentos que ganham espaço nas mesas brasileiras, os chamados ultraprocessados, constroem argumentação polêmica para diferentes propósitos ideológicos e sociais. Neste sentido, estudos metafóricos cognitivo-discursivos (Vereza, 2007, 2017; Gonçalves-Segundo, 2020; Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni, Weiss, 2019; Gonçalves-Segundo, Zelic, 2016), a partir dos quais a metáfora é entendida também como mecanismo para criação de objetos discursivos, serão articulados com a teoria da polêmica argumentativa (Amossy, 2017) para análise das representações sobre ultraprocessados presentes nas seguintes publicações no portal do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no período de 2020-2022: (1) “Conferência discute alimentação saudável e combate à fome”, (2) “Cresce a fome no mundo, mas a solução não está na agricultura industrial”, (3) “Movimentos sociais se unem contra fome na abertura da Semana Nacional da Alimentação”, (4) “Manifesto popular contra a fome será lançado em ato nacional nesta sexta (16)” e (5) “Combater a fome e nutrir a resistência: união de movimentos doa 3 mil marmitas no PR”. A seleção, que parte de um *corpus* mais robusto que integra a pesquisa de mestrado “Disputas na terra, no prato e nas ideias: o agronegócio e a fome em perspectiva ecolinguística”⁴, se explica pela produtividade para o objetivo deste trabalho — ou, em outras palavras, pela presença de contra-discursos sobre esse tipo de alimento. As publicações passarão por (I) uma análise descritiva de metáforas; (II) descrição do papel polêmico-argumentativo desempenhado por estas metáforas; (III) interpretação dos dados em termos discursivos e ideológicos.

Na primeira seção, discute-se o que é um alimento ultraprocessado, explicitando-se o contexto classificatório e a relevância do tema. Em seguida, é realizado um breve percurso teórico sobre as metáforas. Ainda na descrição do arcabouço adotado, a terceira seção é reservada à exposição do que é, por fim, a polêmica argumentativa. Posteriormente, segue-se para a análise, composta por uma exposição geral dos achados e subsequente interpretação. Por fim, a última seção contém as considerações finais.

⁴ Título provisório.

1 Primeiro de tudo, o que é um alimento ultraprocessado?

Antes de entender o que é um alimento ultraprocessado, vale uma incursão rápida sobre o sistema de classificação no qual essa categoria se enquadra. Depois, serão discutidos os problemas oriundos deste consumo e algumas possíveis razões para que esse tipo de alimento ganhe cada vez mais espaço.

Nesse sentido, tratando do sistema de classificação, como explicam Levy *et al.* (2023), após décadas de pesquisa acerca do padrão alimentar da população brasileira a partir de dados de orçamento familiar coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens) da Universidade de São Paulo (USP) identificou uma queda no consumo tanto de elementos básicos para preparo e transformação doméstica de alimentos, como óleos, açúcar e sal, quanto uma redução de consumo de alimentos basilares que usualmente são transformados nas cozinhas brasileiras, como arroz, feijão, farinha, leite e carnes. A partir disso, foi possível inferir um aumento de consumo de alimentos prontos, de maneira que os nutrientes — fator a ser considerado em esquema anterior de classificação, em que, por exemplo, a carne de maneira genérica, fresca ou processada, seria parte do grupo das proteínas — talvez não importassem tanto quanto o próprio processo industrial ao qual o alimento foi submetido. Dessa forma, tornou-se fundamental a separação por processamento na chamada classificação NOVA para os alimentos, em que a categoria “ultraprocessado” emerge em face de outras três anteriores, como se pode ver no quadro 1:

Quadro 1. Classificação NOVA para alimentos (Nupens-USP)

Classificação NOVA	Definição
Alimentos <i>in natura</i> ou minimamente processados	Alimentos acessados em sua forma natural (<i>in natura</i>), como partes de plantas, animais, cogumelos e algas, ou que passaram por processos mínimos sem adição de nenhum ingrediente, a exemplo da secagem de feijões ou da produção de farinhas.
Ingredientes culinários processados	Convertem alimentos do primeiro grupo em refeições e receitas, como o sal extraído da natureza, o açúcar obtido da cana ou o azeite extraído das azeitonas.
Alimentos processados	Itens do primeiro grupo modificados por processos industriais mais simples, que poderiam ser feitos em ambiente doméstico, como conservas, queijos ou pães artesanais.
Alimentos e bebidas ultraprocessados	Formulações obtidas por fracionamento de alimentos do primeiro grupo. Incluem ingredientes culinários, mas também “isolados ou concentrados protéicos, óleos interesterificados, gordura hidrogenada, amidos modificados e várias substâncias de uso exclusivamente industrial”. Contam frequentemente com adição de “corantes, aromatizantes, emulsificantes, espessantes e outros aditivos” para estímulo sensorial ou ocultação de resultados indesejados. Incluem salsichas, nuggets, salgadinhos de pacote, macarrão instantâneo e vários outros itens embalados que possuem extensa lista de ingredientes nas prateleiras dos supermercados.

Fonte: Elaboração própria a partir de NOVA. NUPENS-USP. Disponível em <https://www.fsp.usp.br/nupens/a-classificacao-nova/>. Acesso: 07 de abril de 2023.

No Brasil, esses itens ganham progressivamente mais espaço: é possível observar, a partir dos dados trazidos por Levy *et al* (2023), que entre 2002-2003 e 2017-2018, os alimentos *in natura* ou minimamente processados experimentaram um declínio de 51% para 48,7% no total de participação calórica na dieta dos lares, ao passo que os ultraprocessados participaram de 14,3% a 19,4% no mesmo período, com aumento proporcional bastante significativo nas áreas rurais (7,4% a 11,5%) e urbanas (15,6% a 20,6%), além de maior prevalência nos estados do Sul e Sudeste em comparação a Norte e Nordeste. Em relação aos dados demográficos, o consumo efetivo de ultraprocessados é marcado por maior participação calórica entre mulheres (20%) em comparação aos homens (18%), embora “a taxa de aumento entre homens é cerca de três vezes maior do que entre as mulheres”, além de maior aumento entre negros (2%) e entre povos indígenas (de 14,9% a 20,75%), com estagnação estatística observável no caso da população branca. Em relação à faixa etária, o aumento observado pelos pesquisadores do NUPENS-USP é similar em todas as faixas, mas com predominância de consumo entre adolescentes (29% contra 15% no grupo dos idosos), assim como os padrões de consumo são parecidos em diferentes escolaridades, mas houve aumento entre pessoas com escolaridade mais baixa e ligeira redução entre aquelas cuja escolaridade é mais alta (Levy *et al*, 2023, p. 112).

Os impactos desse aumento são desde o ambiental, considerando as pegadas de carbono e de água, assim como perda de agrobiodiversidade (Seferidi *et al.*, 2020; Fardet & Rock, 2020 *apud* LEVY, R. *et al*, 2023), até, propriamente, os impactos na saúde pública, como obesidade, diabetes e outras doenças não transmissíveis (Chang *et al*, no prelo *apud* Levy, *et al*, 2023, p. 116). Em suma, já é possível identificar que vivemos um contexto no qual o adoecimento populacional a partir das práticas alimentares da modernidade é expressivo — especificamente aqui no Brasil, já é possível relacionar 57 mil mortes anuais ao consumo de ultraprocessados. De acordo com estudo de Eduardo Nilson *et al.* (2022), mais de 10% das mortes de pessoas na faixa 30-69 anos estariam relacionadas ao consumo deste tipo de alimento, em uma correspondência de 21,8% das mortes prematuras por doenças crônicas não-transmissíveis que podem ser prevenidas — uma diminuição de consumo entre 10% e 50% reduziria de 5.900 a 29.300 mortes anuais.

Esses dados fazem emergir uma questão: por que se come cada vez mais um tipo de alimento que não supre demandas nutricionais e causa adoecimento e morte? Uma das explicações pode ser a correlação entre ciência e perpetuação ideológica de interesses sócio-históricos que refletem a disparidade de poder na sociedade, a exemplo do que trazem os estudos de Marion Nestle (2019), que analisa formas de financiamento de pesquisas em nutrição promovidas por empresas de alimentos, bebidas e suplementos. Outras questões, mais relacionadas às políticas públicas, também integram esse palco. Por exemplo, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), em 2020, financiou majoritariamente a bovinocultura, a soja (59,9%) e a produção de milho (14,4%), ao passo que a produção de arroz e feijão recebeu apenas 2,53% dos recursos, de acordo com a publicação

Análise do Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar - PRONAF 2020⁵. Tais itens, cabe destacar, além de serem *commodities* — isto é, matéria-prima para exportação usualmente negociada nas bolsas de valores —, também alimentam a indústria de ultraprocessados, encampando muitos dos tantos termos em letras pequenas que podem ser vistos nos rótulos, como “lecitina de soja” ou “glucose de milho”.

Por fim, a própria estruturação da sociedade em que nos inserimos pode estar relacionada ao porquê de se direcionar mais esforço para uma dada produção do que para outras — por exemplo, de acordo com a pesquisa Produção Agrícola Municipal (PAM-IBGE)⁶ de 2022, a soja ocupa 41,6% dos hectares disponíveis no Brasil enquanto o arroz, por outro lado, ocupa apenas 1,9%. Há uma progressiva substituição, que evidentemente não ocorre por falta de demanda de arroz, item tão tradicional e basilar na alimentação no país. Considerando que a soja desempenha primordialmente o papel de *commodity*, a retração no plantio de arroz parece apontar justamente para o fato de que o que tem orientado a produção é a primazia da necessidade social da obtenção de lucro em relação ao atendimento de uma demanda “do estômago” (Marx, 2013, p. 113) da população local.

2 A subida da fome e outras metáforas

Em 2022, o Brasil contava com 58,7% de sua população tendo enfrentado algum nível de insegurança alimentar — quando a pessoa não sabe se realizará a próxima refeição — e com 33,1 milhões de pessoas tendo já vivenciado a insegurança alimentar grave, o que reconhecemos mais claramente como fome no conjunto da sociedade⁷. No ano anterior, isto é, em 2021, o percentual de insegurança alimentar era de 50%, ao passo que o número de pessoas experienciando ausência de alimentos era de 19,1 milhões⁸. A base deste fato, para além da pandemia de COVID-19, consistentemente apontada como causa fundamental, reside também na desestruturação de redes de proteção social, desmonte de políticas públicas e supressão de organismos que impactaram diretamente na superação da fome em anos precedentes, a exemplo

⁵ REIS, Ana Terra *et al.* Análise do programa nacional de apoio à agricultura familiar - PRONAF 2020. https://thetricontinental.org/wp-content/uploads/2021/12/pronaf_regioes_artigo.docx2.pdf. Núcleo de estudos em cooperação (NECOOP) da Universidade Federal da Fronteira Sul. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. In: O Joio e o Trigo. MOREIRA, Anelize. Ultraprocessado nosso de cada dia: a doença chega embalada na cidade. Disponível em <https://ojoioeotrigo.com.br/2022/03/ultraprocessado-nosso-de-cada-dia-a-doenca-chega-embalada-na-cidade/>. 23 de março de 2022. Acesso: 27 de junho de 2022.

⁶ IBGE. PAM - Produção Agrícola Municipal (2022). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?edicao=18051&t=publicacoes>.

⁷ Rede brasileira de pesquisa em soberania e segurança alimentar e nutricional. II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em 8 de junho de 2022.

⁸ Rede brasileira de pesquisa em soberania e segurança alimentar e nutricional. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em 30 de outubro de 2021.

da dissolução do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), que coordena a atuação federal no combate à fome, como uma das primeiras medidas do governo de Jair Bolsonaro, no início de 2019.

Um pouco antes, no período entre 2017 e 2018 — os anos intermediários entre o golpe parlamentar contra Dilma Rousseff e a ascensão bolsonarista —, a Pesquisa de Orçamentos Familiares, do IBGE⁹ (POF-IBGE), já apontava a existência de mais de 10 milhões de pessoas em insegurança alimentar grave. Isto é, após sair do chamado “Mapa da Fome” das Organizações das Nações Unidas em 2014, como resultado de políticas de transferência de renda e do estabelecimento de programas destinados ao entendimento e à resolução da questão da fome, o país se encaminharia progressivamente para o retorno deste problema nos anos subsequentes — chegando a testemunhar, em 2021, filas de seres humanos aguardando doações de ossos e restos mortais de outros animais em açougues¹⁰.

Essas mudanças expressivas e rápidas nos índices, que partem de um cenário em que a fome parecia ter sido superada para outro em que ela retorna e atinge cada vez mais pessoas, ganharam as manchetes de diferentes formas. Na manchete da figura 1, extraída do portal G1 e tomada aqui apenas ilustrativamente para discutir os pressupostos teóricos, a publicização dos dados obtidos pela POF-IBGE ocorre em termos de nova “subida” da fome:

Figura 1. Manchete “Fome no Brasil volta a subir”

Fome no Brasil volta a subir e atinge mais de 10 milhões de brasileiros, diz IBGE

A pesquisa foi divulgada nesta quinta (17) e analisou dados entre 2017 e 2018. No Brasil, existem mais de 10 milhões de pessoas que passam não só pela incerteza do vão comer no dia seguinte, mas também não sabem como vai estar o prato das crianças.

Fonte: G1, seção Jornal Nacional¹¹

Neste caso, a experiência humana concreta com direcionalidade — isto é, nossa capacidade de deslocamento verticalizado ou apreensão deste tipo de deslocamento por outros

⁹ IBGE. POF - Pesquisa de orçamentos familiares. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html>. 2017-2018. Acesso em 01 de julho de 2023.

¹⁰ FANTÁSTICO. Fila para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contr-a-fome.ghtml>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

¹¹ JORNAL NACIONAL. Fome no Brasil volta a subir e... Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/17/fome-no-brasil-volta-a-subir-e-atinge-mais-de-10-milhoes-de-brasileiros-diz-ibge.ghtml>. Acesso: 01 de julho de 2023.

seres e objetos que nos cercam — é mobilizada para compreensão desse fenômeno pretensamente mais abstrato que é o aumento, no caso, da fome. Assim, a vitimização cada vez maior de indivíduos pela ausência de alimentos é expressa em termos de subida. Essa adoção de uma área concreta da vida para estruturar outra área distinta é justamente o que conceitua amplamente as **metáforas**. Neste caso específico do exemplo, a compreensão de fenômenos distintos através dessa percepção vetorial faz parte do cotidiano, a exemplo das tantas *elevações de preços* ou *quedas de ações* reportadas pelos noticiários no contexto do capitalismo financeiro, dando pistas tanto de que as metáforas fazem parte da nossa vida e de que, de fato, há metáforas difíceis de se evitar ou contornar — ou, dito de outra forma, que outros termos usaríamos para descrever processos transformacionais ligados a essas dimensões abstratas que fugiriam desses conceitos ligados à direcionalidade?

A percepção de que há metáforas que parecem estruturar a nossa cognição e circular sócio-culturalmente com profunda adesão e relativa incontornabilidade é o que fundamenta a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff & Johnson (2002[1980]). Nessa concepção, a metáfora é vista como algo “relativamente estável, culturalmente compartilhado, altamente arraigado” e com “correspondências cognitivas profundamente incorporadas e esquemáticas entre domínios”, de forma que as metáforas seriam produtos e unidades elementares que constroem a cognição (Gonçalves-Segundo, 2020, p. 805). Assim, para identificar essas **metáforas conceituais**, a despeito de parecerem “naturais” no cotidiano, o trabalho necessário consiste em apreender os elementos do domínio-fonte, o mais concreto, mobilizado para caracterizar o domínio-alvo, o mais abstrato. Dessa forma, o que descreve as diferentes etapas de transição nos números de famélicos no Brasil, no caso do exemplo acima, é o fato de que, em uma subida, algo migra de um patamar para outro que esteja acima, com quantidade descrita em função de direcionalidade.

Esse trabalho de Lakoff & Johnson, *Metaphors we live by* (2002[1980]), representa um ponto de ruptura importante ao articular uma perspectiva metafórica ancorada na cognição, situando a metáfora não mais como mera figura de linguagem — mas, por fim, como uma “figura de pensamento”. Não obstante, parece haver uma contrapartida epistemológica: a fundação de um paradigma cognitivista teria deslocado o papel da linguagem em estudos que têm a metáfora como objeto, de forma que o uso metafórico na linguagem parece apenas uma pista secundária das metáforas conceituais (Vereza, 2007). No entanto, estudos contemporâneos contam, em seu bojo, com autores filiados a uma proposta de dimensionar a metáfora também a partir do discurso, de maneira a convergir discurso e cognição, tomando o uso como parte do escopo além do próprio sistema.

Os estudos dos quais se parte aqui (Vereza, 2007, 2017; Gonçalves-Segundo, 2020; Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni, Weiss, 2019; Gonçalves-Segundo, Zelic, 2016) expandem essas fronteiras ao apontar para a existência de metáforas que são ativadas por processos cognitivos fruto das interações das cognições *online* e *offline*. Isso implica considerar que metáforas podem ter diferentes instâncias no uso — inclusive de forma multimodal, para

além da linguagem verbal —, numa “interconexão entre o que é de ordem esquemática (cognição) e o que tem ocorrência específica (discurso)” na ativação da metaforicidade (Gonçalves-Segundo, 2020), demandando uma articulação entre estudos textuais, pragmáticos e cognitivos nas pesquisas no tema — o que gera a noção de “nicho metafórico” enquanto um construto teórico dessa associação (Vereza, 2007, 2018; Gonçalves-Segundo, 2020, p. 807).

Assim, por não ser o objetivo abordar e aprofundar formas metafóricas multimodais, toma-se a charge na Figura 2 apenas para exemplificação teórica. Nela, o mercado financeiro é situado discursivamente como um polo de oposição ao combate à fome no contexto dos debates gerados por discursos pós-vitória do presidente eleito no pleito de 2022, Luís Inácio Lula da Silva. Na ocasião, o chamado teto de gastos e os dividendos da Faria Lima aparecem como empecilho para cumprimento da promessa de campanha de tirar, uma vez mais, o país deste cenário de pratos e estômagos vazios ou insuficientemente cheios¹²:

Figura 2. Charge “O mundo da economia”



Fonte: Charge de Kleber, para o Estado de Minas¹³

É possível identificar uma representação imagética de um céu estrelado, remetendo pictoricamente a um cenário galáctico, em que um cifrão aparece representado com as cores e texturas que habitualmente são encontradas em materiais didáticos ou outras representações de globos durante a formação escolar. A sobreposição desses elementos faz imaginar o que se explica também pelo título: um mundo, um planeta, da economia/da financeirização.

¹² GOMES, P. H. 'Mercado fica nervoso à toa', diz Lula... Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/11/10/mercado-fica-nervoso-a-toa-diz-lula-apos-repercussao-de-fala-sobre-estabilidade-fiscal.ghtml>. Acesso: 01 de julho de 2023

¹³ ESTADO DE MINAS. Confira a charge do Estado de Minas, por Kleber. Disponível em https://www.em.com.br/app/charge/2023/02/12/interna_charge,1456428/confira-a-charge-do-estado-de-minas-por-kleber.shtml. Acesso: 01 de julho de 2023.

Construído o cenário em que as características e determinações do mundo do mercado são universalizadas para o planeta, a informação textual “estou com fome”, respondida por “você nasceu no planeta errado”, dá conta de tecer uma crítica sobre a incongruência entre a demanda por lucratividade e o saciamento da fome.

No entanto, essa relação entre planeta (ou mundo) e o mercado financeiro, em que se mobiliza a característica deste mercado de visar valor, não é algo arraigado cognitivamente de maneira estável e *offline* ou que circula com predominância cultural, social ou centrada em grupos sociais específicos. Esse tipo de metáfora, que vai sendo construída textualmente, apresenta uma determinada perspectiva ao ‘conduzir de forma cognitiva e discursiva a desdobramentos e mapeamentos’ que constituem objetos de discurso (Vereza, 2013, p. 06). Não à toa, como demonstram Gonçalves-Segundo (2020) e Vereza (2013), essas chamadas **metáforas situadas**, que podem ter sua origem alicerçada nas metáforas conceptuais, ocorrem não mais como produtos, mas como processos de re-enquadramento de um domínio-alvo a partir de operações cognitivas associadas também ao contexto e ao discurso visando diferentes objetivos retóricos.

Essas metáforas situadas, como bem explica Gonçalves-Segundo (2020), apesar de não serem produtivas para estabilização gramatical ou lexical, podem ser altamente compartilhadas e integrar uma rede intertextual em torno delas que consolida correspondências entre domínios e provoca estabilização de uma determinada perspectiva relacionada ao domínio-alvo, acarretando no surgimento de um tipo terceiro, intermediário, de metáfora: **as metáforas distribuídas**, atreladas ao que Fairclough (2003) denomina **ordens do discurso** (Gonçalves-Segundo & Zelic, 2016; Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni & Weiss, 2019; Gonçalves-Segundo, 2020, p. 809).

Dessa maneira, dando um passo para trás — para usar uma metáfora conceptual para descrever a atenção a um tópico anterior —, e retomando o tema central da existência da fome, os números que este fenômeno multifatorial alcança e as possíveis causas para que isto exista e subsista, um artigo de opinião do El País, publicado em 2018 e orientado à fome em âmbito global, traz a seguinte manchete (Figura 3):

Figura 3. Manchete “A fome é um crime

FOME > TRIBUNA 

A fome é um crime

O aumento da subalimentação coincide com uma década de declínio gradual da paz mundial

Fonte: Manchete do El País¹⁴

¹⁴ DA SILVA, J. G.; ESQUIVEL, A. P. A fome é um crime. El País. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/26/opinion/1530022522_378648.html. Acesso: 01 de julho de 2023.

Aqui, o veículo *crime*, que invoca um domínio-fonte com o qual temos uma relação experiencial concreta dentro dos marcos da nossa sociabilidade, é mobilizado para caracterizar o tópico *fome*, que invoca o *domínio-alvo*. Essa caracterização não é consolidada de forma generalizada na cultura, a ponto de integrar a cognição estável. No entanto, basta uma pesquisa na internet para identificar que esta mesma metáfora permeia um conjunto de textos em circulação — em alguns, aparecendo nesses mesmos termos explícitos, em outros pela atribuição de alcunhas criminais a potenciais responsáveis pela fome, a exemplo de chamar de assassino o ex-presidente Jair Bolsonaro no contexto da crítica à supressão de órgãos de combate à fome. Isso significa, em linhas gerais, que essa metáfora já circula discursivamente por algum objetivo ideológico. Por exemplo, no caso específico deste texto, o que se ambiciona é estabelecer uma relação argumentativa entre o aumento da fome com a belicosidade de determinados territórios — o que acarretaria, de acordo com o texto, em um aparente paradoxo entre sustentar dispêndios financeiros em recursos bélicos em detrimento de direcionar tais investimentos para solucionar a ausência de alimentos globalmente.

O primeiro parágrafo desse artigo de opinião — a saber, “não há outra maneira de dizer. Não há atenuante. Em um mundo que produz alimentos suficientes para dar de comer a todos os seus habitantes, a fome nada mais é do que um crime” — parece revelar quais aspectos específicos do crime, para além da violência que também alicerçaria as guerras, são mobilizados para construção da metáfora, como uma potencial premeditação no dano causado ao outro ou a oposição entre criminalidade e inocência. Diante desses traços do domínio-fonte, essa metáfora distribuída tomada como exemplo é adotada argumentando-se que, se existe produção suficiente de alimentos, o fato de estes alimentos não chegarem a todos seria fruto de uma política deliberada de focar investimentos no que potencializa o problema, como a guerra, a despeito de uma potencial solução.

Há um papel social e ideológico bastante expressivo relacionado a metáforas distribuídas, na medida em que partem de um determinado viés que tanto pode ser avaliado como “natural”, como são as ideologias, dentro de um grupo que as utiliza, quanto podem dar margem para disputas por grupos de oposição. Do ponto de vista cognitivo, como hipotetiza Gonçalves-Segundo (2020, p. 810), “a naturalização de uma metáfora distribuída é o resultado da incorporação de implicações e inferências do domínio-fonte para o domínio-alvo de tal forma que o conceitualizador perde de vista os mapeamentos originais entre domínios e atribui a atitude em relação à fonte ao alvo”, de maneira que possa parecer algo natural.

Em suma, as definições das três metáforas vistas se resumem, como explicam Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni e Weiss (2019, p. 39), no nível de consolidação de um mapeamento dentro de uma cultura e enraizamento cognitivo deste mapeamento. Assim, um nível máximo de consolidação, com impacto gramatical e lexical na língua, bem como incorporação à cognição estável, caracteriza uma metáfora conceptual, ao passo que uma consolidação relativa, em que a circulação da metáfora se dá discursivamente por objetivos ideológicos, definem a metáfora distribuída. Quando, por fim, a consolidação é mínima e a

metáfora se localiza textualmente apenas, atendendo a dados propósitos retóricos, estamos diante de uma metáfora situada.

Expostas as definições de metáfora que aqui são pertinentes, o último passo do percurso teórico diz respeito aos estudos sobre a polêmica. Mais adiante, pretende-se articular essas duas perspectivas teóricas no entendimento de alguns textos do MST.

3 A polêmica nos estudos argumentativos

Em um de seus filmes, Ingmar Bergman coloca em cena um cavaleiro templário que insiste em jogar xadrez com a morte. O sucesso do jogador de “O Sétimo Selo” é tanto que a morte decide lembrá-lo que o resultado daquele jogo estava dado: não haveria uma vitória que não fosse a da própria morte. Subjaz ao filme do diretor sueco um questionamento do porquê aderir a um jogo com final pré-determinado. Questionamento parecido faz o teórico Marc Angenot ao buscar entender o porquê de os seres sociais insistirem na argumentação ainda que esta possa ser um “diálogo de surdos” (2008).

Para o autor, contrariando a inestimável busca por consenso e “adesão dos espíritos” que permeia a teorização sobre argumentação desde tempos aristotélicos, a polêmica predomina nas interações sociais. De acordo com Ruth Amossy (2017), o estudo de Angenot “abre um novo campo de pesquisa ao colocar a existência de uma racionalidade como relativa às épocas e às culturas, fonte de dissensões insuperáveis, e ao mostrar que esses desacordos são a regra, não a exceção” (Amossy, 2017, p. 32). No entanto, se para Angenot a polêmica é predominante, para Amossy (2017), essa modalidade argumentativa que atravessa diversos gêneros do discurso vai além: é estruturante da sociedade dita democrática na sociabilidade burguesa.

Alicerçada em trabalhos nas ciências da linguagem e nos estudos da argumentação que buscam reexaminar a posição aparentemente execrada que a *doxa* polêmica ganha no debate público, Amossy (2017) considera que há a criação de uma união social mesmo na polarização graças à expressão discursiva da divergência, na medida em que o conflito é gestado por posições antagônicas de um mesmo referencial. Assim, ainda que o consenso não se instale, existe uma percepção segmentada de que determinado tema merece o debate — o que evidenciaria que a continuidade da vida social dependeria desta modalidade argumentativa. Para a autora, paradoxalmente, a polêmica permite a coexistência de um dissenso que ela parece ameaçar.

No entanto, entender a polêmica como oposição entre discursos que circulam socialmente deixa questionamentos. A autora antecipa o fato de que mera divergência entre teses não daria conta de explicar especificidades da polêmica quando comparada com a argumentação de maneira geral, posto que qualquer argumentação parte do trabalho discursivo realizado em face de opiniões diferentes em torno de um mesmo tópico. Assim, o quadro 2 sintetiza os pontos elencados por Ruth Amossy (2017) para distinguir a polêmica enquanto modalidade argumentativa e outras formas de argumentação:

LINHA D'ÁGUA

Quadro 2. Delimitação da especificidade da polêmica no bojo da argumentação em geral.

Especificidades que caracterizam a polêmica no interior da argumentação				
Primárias			Secundárias	
Dicotomização	Polarização	Desqualificação	Violência verbal	<i>Pathos</i>
Expressão discursiva de opiniões contraditórias que tendem sistematicamente à <i>dicotomização</i> por se excluírem e radicalizar o debate a ponto de não haver resolução	Reagrupamento social. Estrutura actancial com Proponente e Oponente em face de um Terceiro. Os atores que se fundem nesses papéis podem integrar categorias sociais diferentes	Mais do que gerenciar conflitos por dicotomização e polarização, na polêmica o papel actancial de Oponente exige ação de deslegitimação ou geração de confusão em torno do adversário	A característica <i>patêmica</i> , no sentido grego de ligação às emoções e não à razão, acontece por marcações de subjetividade no discurso. A passionalidade não subverte em automático a racionalidade e nem toda paixão/violência verbal é polêmica. O que configura polêmica nesse cenário é a confrontação de opiniões contraditórias	

Fonte: Elaboração própria

Entendendo a polêmica em si como a apresentação de posições antagônicas em torno de uma determinada questão de relevância social, cabe definir o que seria “discurso polêmico” e “interação polêmica” — já que conjuntamente constroem a polêmica. Nesse sentido, o discurso polêmico é dialógico sem ser dialogal — isto é, se baseia na presença de somente uma das partes, sem haver obrigatoriamente circunscrição do outro no discurso (Kerbrat-Orecchioni, 1980, p. 9 *apud* Amossy, 2017, p. 72), conectando-se a discursos precedentes sem interação direta. Opostamente, a interação polêmica é dialogal, ainda que o possa ser de forma assíncrona (Amossy, 2017, p. 72). Essa distinção é especialmente importante para elucidar a dimensão discursiva da polêmica, já que ela não demanda sequer a interação direta ou o diálogo em seus moldes clássicos para acontecer.

Assim, formas monogeridas têm relevância, já que a própria estruturação dos discursos não pressupõe necessariamente interações responsivas e simétricas, mas uma circulação paralela, podendo contribuir para a construção da polêmica por gravitar ao mesmo tempo no espaço público (Amossy, 2017, p. 101). Este entendimento elucidada a primeira questão, posta anteriormente por Marc Angenot (2008 *apud* Amossy, 2017, p. 32) ao tratar da argumentação em geral: aqui, pode-se entender que a polêmica não ambiciona o consenso — mas o *dissenso* em seu papel no funcionamento democrático. Além desta, a autora sintetiza a existência de outras quatro importantes funções da polêmica pública:

Quadro 3. Funções da polêmica pública

Funções da polêmica pública			
Persuasão	Relação / união	Protesto	Posicionamento
Nos limites da retórica persuasiva, existe aqui também a função de persuadir. No entanto, não se busca persuadir aquele que ocupa o papel actancial de Oponente, mas o Terceiro. Busca-se adesão “externa” à tese apresentada, em um simulacro do próprio processo eleitoral — na democracia burguesa, adesão simboliza maior votação	“Quando é naturalmente levada para uma mesma causa, a polêmica contribui com frequência para criar uma ilusão de unidade em torno de um princípio comum. Indivíduos e grupos separados por muitas diferenças, que estão longe de concordarem com tudo, se juntam em torno de uma mesma bandeira” (Amossy, 2017, p. 212)	Embora não gerencie conflitos sociais, mas apenas conflitos de opinião em torno de questões sociais, a retórica do <i>dissenso</i> , em oposição àquela do consenso, constrói espaço para protestar de forma individual ou coletiva contra aquilo que se julga intolerável ou digno de mudança. A saída do campo verbal, no entanto, sendo ele violento ou não, foge ao escopo da polêmica	Especialmente no campo político, a polêmica cumpre importante papel na constituição de <i>ethos</i> — entendido em sua significação grega, como caráter —, levando a posicionamentos e formas de se colocar no mundo. Sendo intensas a dicotomização e a polarização, enquanto resultados da divergência em si — condição <i>sine qua non</i> da polêmica —, é latente a constituição de identidades

Fonte: Elaboração própria

Por fim, em posse de uma definição sobre ultraprocessados e de um breve percurso teórico em que metáfora e argumentação polêmica foram apresentadas, passaremos aos discursos apreendidos em alguns textos do MST sobre este tipo de alimento e como algumas conexões entre metáfora e polêmica podem ser estabelecidas.

4 Fome também é o que se come

Nos discursos observados, o debate sobre o tipo de alimentação à qual as pessoas têm acesso se articula por processos metafóricos em que definições sobre o que é alimento são basilares. Exemplificando, foi possível identificar uma demarcação bastante contundente que dualiza comida, de um lado, e *commodities* e alimentos ultraprocessados do outro; ou, ainda, a criação de subgrupo dentro da macrocategoria “comida” em que houvesse um demérito para este outro tipo de alimento, o que é realizado através de diferentes construções metafóricas¹⁵. O quadro abaixo sistematiza, exemplifica e define as metáforas encontradas.

¹⁵ Na publicação “Para combater a pandemia da fome, MST já doou mais de 600 toneladas de alimentos” (Sodré, 2020), para citar um exemplo, dois trechos podem ser destacados neste sentido: “Quase não ouvimos notícias de doação do agronegócio porque ele não produz comida e portanto não pode doar. São *commodities* agrícolas para exportação” (comida vs. *commodities*) e “a desnutrição e a obesidade são duas pontas de um mesmo problema, que mostra que a maioria do povo brasileiro não tem acesso à comida de verdade” (comida vs. ultraprocessados)

Quadro 4. Metáforas encontradas

Metáfora	Domínio-fonte	Domínio-alvo	Tipo de metáfora	Função polêmica
Ultraprocessado é mercadoria	Mercado e corporações	Alimento ultraprocessado/ commodity	Metáfora distribuída	Persuasão
Ultraprocessado é negócio				
Ultraprocessado é opressor	Hierarquia social de poder	Alimento ultraprocessado	Metáfora situada	Relação/união
Comida lixo	Resíduo para descarte	Alimento ultraprocessado	Metáfora distribuída	Protesto
Ultraprocessado é sintoma	Doença, adoecimento	Alimento ultraprocessado	Metáfora situada	Protesto
Comida artificial	Trabalho, modificação da natureza	Alimento ultraprocessado	Metáfora distribuída	Protesto

Fonte: Elaboração própria

4.1. Benefício ao mercado, opressão à população

A metáfora ultraprocessado é opressor¹⁶, inferida textualmente e classificada como situada pela ausência de ecos para além desse texto específico, integra uma fala de João Pedro Stedile, dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), publicada originalmente no Brasil de Fato e, posteriormente, replicada no portal do MST. Na fala em questão, Stedile incita a interlocução a romper “com a opressão dos alimentos ultraprocessados”, como é possível observar na íntegra abaixo:

João Pedro Stedile, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), lembrou que, além da fome, há uma grande desnutrição entre os brasileiros, gerada principalmente pelos interesses do lucro. “Tem muita gente que come, porém não se alimenta com os nutrientes necessários para ter uma saúde, uma vida boa. Temos que romper com **a opressão dos alimentos ultraprocessados**, que não são alimentos, são apenas mercadorias”.

Fonte: Manifesto popular contra a fome será lançado em ato nacional nesta sexta (16), 2020

No contexto, explicado pela própria publicação, o militante falava sobre a desnutrição como um tema de relevância, como a própria fome. Na construção dessa linha argumentativa, é possível observar que a alimentação é considerada um recurso pelo qual se obtêm “nutrientes necessários para ter uma saúde, uma vida boa”, o que impossibilitaria categorizar os alimentos ultraprocessados desta forma por conta de uma série de traços destoantes. Assim, o próprio texto debate a classificação mais adequada para esses itens.

¹⁶ Neste artigo, optou-se por representar as metáforas distribuídas e situadas pela fórmula: domínio-alvo é domínio-fonte. O termo “desdobramento inferencial” está sendo utilizado para se referir a sentidos e mapeamentos que emergem, textualmente, a partir do funcionamento da referida metáfora no texto.

Ao comentar a existência de uma opressão por parte dos ultraprocessados, a fala confere a esses itens inanimados uma atribuição humana: a capacidade, dentro de uma dada sociabilidade e um determinado contexto de formação institucional, de submeter ou sujeitar outros seres humanos. A sociabilidade referenciada, considerando o desenvolvimento da fala e a posterior categorização de ultraprocessados como “mercadoria”, é o modo de produção capitalista. O domínio-fonte, a hierarquia social de poder — especificamente de uma sociedade regida pela mercantilização —, é mobilizado para apontar para uma tirania, jugo ou disparidade implicada na relação ou na correlação de força entre quem consome os ultraprocessados e este tipo de alimento em si. De acordo com a fala, o que aponta para essa opressão é o fato de que esses itens industriais não conferem o necessário para uma subsistência sem desnutrição, o que parece operar em um propósito argumentativo de gerar relação/união entre aqueles que sofrem com o jugo desses alimentos, gerando o seguinte desdobramento inferencial: *não nutrir adequadamente é submeter alguém*. A razão pela qual existe essa capacidade de opressão é dada por outra metáfora: ultraprocessado é mercadoria. O domínio-fonte, que é do mercado e das corporações, justamente o universo econômico em que se discute lucro e mercadoria, é mobilizado para que este tipo de comida que resulta de procedimentos químicos e industriais possa ser retirado da categoria de alimentação para a posição de algo produzido somente por viabilidade de retorno financeiro.

A possibilidade de a mercadoria gerar lucro e de, em última instância, ser produzida para este fim em detrimento de outras questões sociais é o que subjaz a um importante desdobramento inferencial do posicionamento textual: *desnutrição causada por ultraprocessados é lucratividade*. Essa metáfora de associação mercadológica permeia outros textos e, de fato, circula discursos do MST — razão pela qual é entendida como distribuída. Um exemplo de que a oposição entre alimentos e mercadoria aparece em outras falas de membros do movimento social é a citação direta de Roberto Baggio, também da direção nacional do MST, que referenda a relação antagônica entre alimento e os itens desse universo de mercado, como a propriedade privada e o acesso privilegiado de uma classe mais abastada:

“Isso aqui não é mercadoria, isso aqui não é negócio e não pode ser um bem só dos ricos do mundo. Tudo que existe no universo, a terra, a água, as árvores, são bens comuns de todos os povos do mundo, também não podem ser propriedades só dos ricos”, enfatizou Roberto Baggio, da direção nacional do MST, se referindo aos alimentos expostos durante o ato e às marmitas produzidas com produtos da Reforma Agrária.

Fonte: Combater a fome e nutrir a resistência: união de movimentos doa 3 mil marmitas no PR, 2020

No contexto, conforme o próprio texto explica, a direção do movimento se referia “aos alimentos expostos durante o ato e às marmitas produzidas com produtos da Reforma Agrária”, em que se infere uma vez mais que os itens da reforma agrária, produzidos no contexto da agricultura camponesa e familiar, não são mercadoria — em uma oposição tanto aos ultraprocessados quanto às *commodities*. Isso pode ser inferido por meio da referência a uma determinada forma de produção que parece privatizar elementos naturais, como a terra, a água ou as árvores, o que discursivamente se atribui à agricultura industrial, produtora de

matéria-prima que abastece a indústria dos ultraprocessados e que exporta *commodities*. Essa forma de produção opera a perpetuação do latifúndio e da monocultura, apontados como destrutivos e predatórios (Cátedra Josué de Castro, 2022, p. 107) para a natureza. Essa oposição atua em duplo sentido do ponto de vista da polêmica argumentativa: de um lado, orienta-se à persuasão sobre o papel mercadológico de um tipo de alimento e, do outro, demarca um posicionamento sobre o que é produzido no bojo da capacidade produtiva campesina.

Esses exemplos são expressivos na categorização dos ultraprocessados, e é possível identificar ainda a criação de subgrupos dentro da macrocategoria “alimento” ou “comida”, em que o *in natura* é considerado, em contraste, “comida saudável”, “alimentação saudável” ou “alimento puro” em contraposição às “comidas artificiais”, à “comida lixo” ou ao que traz doença mas é também “sintoma”, como veremos abaixo.

4.2 Comida lixo que adocece, mas é sintoma

Nessa mesma linha argumentativa em que se os ultraprocessados estão relacionados à mercantilização da vida, é possível encontrar a metáfora distribuída que aponta a sociedade em que vivemos como doente. Nesse sentido, de o lucro e o dinheiro serem corolários do adoecimento, emerge uma metáfora situada em um dos textos analisados na qual o ultraprocessado é, na verdade, “um sintoma”, como pode ser atestado no trecho abaixo:

“Foi o que a Adriana Salay, fundadora do Projeto Quebrada Alimentada, salientou em sua fala. “No Brasil nós produzimos uma fome que insiste em permanecer, porque o alimento virou uma mercadoria, se eu não tenho dinheiro suficiente eu não tenho liberdade de escolha. A nossa sociedade é baseada no dinheiro e no lucro, logo, os agrotóxicos, a fome e os **ultraprocessados são sintomas** dessa sociedade”.

Fonte: Conferência discute alimentação saudável e combate à fome, 2022

Cabe destacar, ainda nesse trecho, outra interessante metáfora situada: a fome, de acordo com o texto, é produzida. Assim, a fome é um produto, um resultado de uma determinada forma de produção em que o alimento é mercadoria e em que poder escolher demanda dinheiro. Não são, portanto, alimentos que estão sendo produzidos, mas justamente a fome, em uma construção na qual se pode inferir novamente a discussão dessas definições que permeiam o alimento – e a conclusão, já mais poética, de que a fome também é o que se come —, justificada pela conexão entre alimento e mercadoria, que posteriormente guia a formulação metafórica de que ultraprocessados são sintomas.

A base da sociedade ser dinheiro e lucro, de acordo com o texto, parece representar uma doença em si – anunciada sintomaticamente por ultraprocessados, agrotóxicos e fome. O ultraprocessado remete a um tipo de comida produzida pela capacidade de gerar lucro em detrimento de alimentar adequadamente, ao passo que os agrotóxicos remetem à prática de produção mobilizada pela agricultura industrial a despeito do bem-estar populacional e a partir da premissa de resultar em dinheiro; e a fome, por fim, também seria consequência de se

produzir com base na mercantilização e financeirização da vida. A derivação de que há uma referência a adoecimento se justifica recuperando conceitualmente o que seria um “sintoma”: uma sensação anormal resultante da alteração do estado de saúde de um organismo, a sociedade. Assim, a relação empírica humana com as transformações anormais de um organismo é mobilizada. Dessa forma, considerando apenas o objeto central de estudo que são os ultraprocessados aqui, pode-se depreender a seguinte metáfora: alimento produzido para gerar lucro é indicativo de adoecimento social, em que o próprio “adoecimento social” é também metafórico ao atribuir algo metabólico/fisiológico dos seres vivos à sociedade. Cabe destacar que o adoecimento se opõe à saúde. Logo, parece haver uma prática social para produção ou um tipo de alimento que faz oposição aos ultraprocessados e representa saúde.

Essa metáfora baseada nos sintomas, que cumpre um papel de exemplificar as mazelas de se viver em uma sociedade orientada ao lucro, tem uma presença bastante localizada neste texto, não chegando a integrar discursos, de forma que pode ser entendida como situada. O que fortalece essa categorização, inclusive, é o fato de que outras metáforas circulam nesses discursos a partir de referências no universo da doença, do adoecimento, mas de outra forma: o ultraprocessado não é um sintoma, o que anuncia ou denuncia a existência de uma doença pré-existente, ele seria por si só o que traz a doença. Para exemplificar, há uma fala de Adília Nogueira, do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), publicada no Brasil de Fato e, posteriormente, no portal do MST, no contexto da abertura da Semana Nacional da Alimentação (2020), que questiona o modelo de produção e distribuição de alimentos relacionando a “alimentação que vem da cidade”, em que se infere produção industrial, com adoecimento: “A gente está querendo questionar o modelo, esse sistema da insegurança alimentar que estamos vivendo. A alimentação que nos chega nas cidades, pela lógica do mercado, vem trazendo pra gente muitas doenças, e não a saúde, que é o que a gente busca”. Nessa mesma perspectiva que posiciona os alimentos ultraprocessados como causadores de adoecimento, duas metáforas distribuídas emergem, como será exibido abaixo: “Comida lixo” e “comida artificial”.

“O manifesto também reforça a preocupação com o empobrecimento do povo brasileiro: ‘Esse é o quadro que coloca os mais pobres de volta à fome e também traz problemas para os setores médios, pois o preço dos alimentos tem aumentado de forma assustadora, já que o agronegócio produz commodities, os supermercados especulam com a fome e as empresas promovem o uso de **comidas artificiais** que só deixam a população adoecida’.

(...)

O objetivo da Jornada é denunciar o descaso criminoso do governo Bolsonaro com a fome que se alastra pelo país, exigindo a permanência do auxílio emergencial de 600 reais e dialogando com a sociedade brasileira sobre a importância da soberania alimentar, da produção de alimentos saudáveis e dos investimentos na agricultura familiar e camponesa.”

Fonte: Manifesto popular contra a fome será lançado em ato nacional nesta sexta (16), 2020

Entender que “comidas artificiais” representam discursivamente os ultraprocessados é possível pela promoção atribuída às empresas, já que tais insumos justamente se enquadram como ultraprocessados pela relação industrial de produção. Já a categoria “alimento saudável” é explicada por uma duplicidade semântica: o fato concreto de ter seu significado gerado em

oposição à categoria anterior e a atribuição, ainda no texto, de sua condição de produção — “[...] dialogando com a sociedade brasileira sobre a importância da soberania alimentar, da produção de alimentos saudáveis e dos investimentos na agricultura familiar e camponesa”. Assim, “artificial”, teoricamente relacionado ao que não vem da natureza, parte constitutiva do trabalho humano para domínio do ambiente natural, ou o que é produzido pelo próprio ser humano, parece ganhar uma implicação adicional neste caso: a ideia subjacente de que se trataria de um simulacro, especialmente pela dicotomia gerada pela categoria alimento, em “o preço dos alimentos tem aumentado de forma assustadora”.

Cabe considerar que o preparo alimentício costuma ser constituído por uma interação modificadora no alimento que tem um ser humano como agente. Isto é, procedimentos como cocção, por exemplo, necessariamente implicam trabalho humano — predominantemente feminino, cabe dizer (Gil, 2023) —, o que evidencia que o sentido atribuído à artificialidade destoa do pretensamente etimológico, ganhando tons de figuratividade. Resgata-se, portanto, de forma potencializada neste domínio-fonte do trabalho as características que criam no domínio-alvo “comida” a crítica que dicotomiza, de um lado, o alimento e, de outro, a “comida artificial”, o que gera a seguinte metáfora: alimento produzido pelas empresas é simulacro da natureza.

Indo além do simulacro, outra metáfora distribuída que aparece nesses discursos é a que posiciona os alimentos ultraprocessados como, de fato, impróprios para consumo, na medida em que seriam “comida lixo”. A própria circulação desta metáfora por vários discursos que se contrapõem aos ultraprocessados, característica fundamental de uma metáfora distribuída, é o que torna possível apreender a definição que subjaz ao uso dessa expressão — ainda que neste texto em específico não existam maiores conexões contextuais que evidenciem a transposição analítica aqui realizada. Dessa forma, a experiência concreta do ser humano com a produção e descarte de insumos para reprodução e manutenção da vida é mobilizada para cravar nesta categoria de alimentos a inadequação ao consumo já em sua origem, em sua essência de produção, como é possível verificar abaixo.

“Iowa alimenta principalmente porcos, galinhas, a indústria da **comida lixo** e de automóveis. Metade do nosso grão é usado para a produção de etanol e 30% do óleo de soja é usado agora para fabricar biocombustível. As pessoas pobres do mundo não podem se permitir comer carne, nem dirigir um carro. A comida lixo é a última coisa que precisam”.

Fonte: Cresce a fome no mundo, mas a solução não está na agricultura industrial, 2019

Assim, diferentes formulações metafóricas parecem construir objetos de discurso que atuam em um determinado sentido argumentativo. Aqui, hipotetiza-se a instauração da polêmica argumentativa, como se discutirá brevemente na próxima seção.

4.3 De que servem essas metáforas, afinal?

Ultraprocessados podem ser entendidos como simulações industriais de alimentos que impactam diretamente na saúde populacional e no meio ambiente com crescimento cada vez mais expressivo nos pratos e nas mãos dos brasileiros. Não à toa, as metáforas criadas textualmente (situadas) ou que circulam no bojo deste discurso contra-hegemônico que tem o MST como forte expoente atuam tanto para extrair os alimentos ultraprocessados da categoria de alimento propriamente, quanto para relegá-lo a um lugar de menor prestígio, de algo que concretamente faz mal ou ameaça. Nesse sentido, as expressões metafóricas “comida lixo”, “comida artificial” e a oposição “alimento puro” são instrumentalizadas pelo Proponente, o MST, para atuação dentro de uma polêmica argumentativa, com a finalidade de articular protesto aos olhos do Terceiro (o leitor) e posicionar-se enquanto produtor de um alimento que deveria, de fato, receber maior atenção do poder público, financiamento estatal e distribuição aprimorada.

Por sua vez, o papel que as metáforas ultraprocessado é mercado, ultraprocessado é negócio, ultraprocessado é opressor e ultraprocessado é sintoma desempenham também não é trivial: enquanto instrumentos de polêmica argumentativa, cumprem papel tanto de convencer sobre as mazelas do modo de produção quanto protestar e angariar aproximação com o Terceiro. Adicionalmente, cabe dizer que o motivo pelo qual se argumenta em favor dessa relevância metafórica para inauguração de uma polêmica argumentativa é o fato de que não se estabelece aqui uma dialogicidade explícita com os Oponentes na questão — a saber, o agronegócio, os supermercados, as grandes corporações, o imperialismo e a mídia hegemônica; como pode ser apreendido nos textos observados — ou uma tentativa de convencê-los a atuar de uma maneira discrepante da que já está dada. Pelo contrário, o movimento social visa um posicionamento, demarcação ou uma articulação relacionada mais ao estabelecimento de uma aproximação com um Terceiro.

Não tomar um pretense diálogo com o polo oposto como uma tática primária de combatividade, ao mesmo tempo em que se visa operar uma persuasão, demarcação, relação ou protesto diante de uma pretensa plateia é uma estratégia pertinente de atuação na realidade, no final das contas, para um movimento historicamente perseguido — a exemplo da CPI do MST, instaurada em 2023 e encerrada sem votar relatório, ou das inúmeras violências extremas que vitimizam o campesinato que se organiza no movimento, especialmente pela capacidade de se reconhecer como parte de um polo específico, dentro de uma sociedade cindida por classes, em que talvez o consenso não seja possível. Antes, como expõe Amossy (2017), elevar o dissenso a um patamar superior pode ser o único caminho.

Considerações finais

Um dos pontos mais importantes de definição da polêmica nos estudos argumentativos, na perspectiva de Ruth Amossy (2017), é o fato de esta prática ser dialógica sem

necessariamente ser dialogal. Isto é, integra discursos sem exatamente o fazer através do diálogo com a outra parte que assume um posicionamento contrário na questão posta. Já as metáforas, conforme os exemplos analisados, não precisam estar consolidadas discursivamente para operarem como mecanismos para integração de um dado Proponente diante de uma polêmica. Não à toa, foi possível identificar que mesmo metáforas textualmente localizadas, como as situadas, transformam-se em recurso, por diferentes objetivos, para incorporação de um determinado texto em uma teia que responde socialmente a uma questão de interesse público, como é a questão dos alimentos ultraprocessados.

Há um evidente uso de metáforas por parte do Proponente para construir seu papel nessa argumentação polêmica que envolve os alimentos ultraprocessados. Esses dados, com potencial para serem discutidos em volume ainda maior, permeando outros temas de interesse público, reforçam a viabilidade de um entendimento sobre metáforas que excede as visões iniciais tanto, de um lado, quando expostas como mera figura de linguagem; como, de outro lado, quando vistas como uma figura de pensamento que tem a linguagem como uma manifestação trivial. De fato, foi possível identificar uma estreita relação entre usos metafóricos e seu potencial para construir discursos profundamente relacionado a grandes questões da atualidade, de relevância pública grande o suficiente para se constituir em polêmica, no melhor dos sentidos.

Referências

- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*. Traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une nuits, 2008.
- BERGMAN, I. (Diretor). (1956). *O sétimo selo* [DVD]. São Paulo: Versátil Home Vídeo.
- CÁTEDRA JOSUÉ DE CASTRO. Introdução. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (org.). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 63-73.
- CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. *Da Lama ao Caos*. Chaos. Liminha, 1994.
- GIL, B. *Quem vai fazer essa comida? Mulheres, trabalho doméstico e alimentação saudável*. São Paulo: Editora Elefante, 2023.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P.R. Multimodal metaphors and practical argumentation: discussing rhetorical effects and modes of articulation between modalities. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 801-844, 2020.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; ISOLA-LANZONI, G.; WEISS, W. “Entendeu ou quer que desenhe?”: Metáforas multimodais aplicadas ao ensino de língua portuguesa. In: AZEVEDO, I. C. M.; COSTA, R. F. (org.). *Multimodalidade e práticas de multiletramentos no ensino de línguas*. São Paulo: Editora Blucher, 2019. p. 31-56. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580394085-02>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; ZELIC, H. C. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. In: NASCIMENTO, L.; MEDEIROS, B. W. L. (org.). *Análise do discurso e análise crítica do discurso: heranças, métodos, objetos*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016. p. 64-91.
- JESUS, C. M. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MARX, K. *O capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

NILSON, E. A.F.; FERRARI, G; LOUZADA, M. L. C.; LEVY, Renata B.; MONTEIRO, C. A.; REZENDE, L. F.M. Premature Deaths Attributable to the Consumption of Ultraprocessed Foods in Brazil. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 64, n. 1, p. 129–136, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.amepre.2022.08.013>.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 2014.

SODRÉ, L. *Para combater a pandemia da fome, MST já doou mais de 600 toneladas de alimentos*. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/05/12/para-combater-a-pandemia-da-fome-mst-ja-doou-mais-de-600-toneladas-de-alimentos>. 12 de maio de 2020. Acesso: 13 de janeiro de 2022.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, S.C. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Santa Cruz do Sul*, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.

VEREZA, S. C. O gesto da metáfora na referenciação: tecendo objetos de discurso pelo viés da linguagem figurada. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 135-155, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648450>.

Fontes

MST. *Conferência discute alimentação saudável e combate à fome*. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/12/04/conferencia-discute-alimentacao-saudavel-e-combate-a-fome>. 04 de dezembro de 2022. Acesso: 08 de janeiro de 2023.

WISE, Timothy A. *Cresce a fome no mundo, mas a solução não está na agricultura industrial*. IHS/Unisinos. <https://mst.org.br/2019/08/01/cresce-a-fome-no-mundo-mas-a-solucao-nao-esta-na-agricultura-industrial/>. 01 de agosto de 2019. Acesso: 30 de junho de 2022.

GIMENES, Erick. *Movimentos sociais se unem contra fome na abertura da Semana Nacional da Alimentação*. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/10/14/movimentos-sociais-se-unem-contra-fome-na-abertura-da-semana-nacional-da-alimentacao>. 14 de outubro de 2020. Acesso: 15 de outubro de 2020.

FERREIRA, J. *Manifesto popular contra a fome será lançado em ato nacional nesta sexta (16)*. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/10/15/manifesto-contra-a-fome-e-pelo-direito-da-boa-alimentacao-sera-lancado-em-ato-nacional-nesta-sexta-16/>. 15 de outubro de 2020. Acesso: 13 de janeiro de 2022.

MST. *Combater a fome e nutrir a resistência: união de movimentos doa 3 mil marmitas no PR*. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/10/19/combater-a-fome-e-nutrir-a-resistencia-uniao-de-movimentos-doa-3-mil-marmitas-no-pr/>. 19 de outubro de 2020. Acesso: 13 de janeiro de 2022.